

Sotaque e efeitos de sentido no programa “Mais Você”: uma análise semiótica

Conrado Moreira Mendes¹

Resumo

Neste artigo analisamos de que maneira a adoção do /R/ retroflexo pela apresentadora do programa *Mais Você*, Ana Maria Braga, pode ter um valor eufórico, ao passo que, o /R/ glotal, velar ou tepe teria um valor disfórico. Numa segunda situação, o /R/ glotal, velar ou tepe tem um valor eufórico, enquanto o retroflexo teria um valor disfórico. Tais categorias semânticas de base circunscrevem-se ao nível fundamental do percurso gerativo de sentido, descrito pela teoria semiótica francesa.

Palavras-chave: semiótica francesa; plano da expressão; nível fundamental; euforia/disforia; /R/ retroflexo; *Mais Você*.

Abstract

In this article we analyze the ways in which the adoption of the retroflex /R/ by Ana Maria Braga, the host of the Brazilian female TV program *Mais Você*, can have a euphoric value, whereas the glottal, velar or flap /R/ would have a dysphoric value. In a second situation, the glottal, velar or flap /R/ has a euphoric value, while the retroflex would have a dysphoric value. Such basic semantic categories are related to the fundamental level of the meaning generative process, described by the French semiotic theory.

Keywords: French semiotics; expression plan; fundamental level, euphoria/dysphoria, retroflex /R/, *Mais Você*.

Introdução

Nosso objeto de análise é o programa feminino comandado pela apresentadora Ana Maria Braga, *Mais Você*, veiculado pela TV Globo às 8h e 5 min, desde julho de 1999. Especificamente, pretende-se perceber os efeitos de sentido que os usos de alguns alofones do arquifonema² /R/ pela apresentadora Ana Maria Braga podem criar. Buscamos apreender de que maneira ela faz uso do /R/ retroflexo [ɺ]³ (caipira), para criar um efeito de aproximação, positivo, portanto. Em outra situação, a apresentadora lança mão da pronúncia do /R/ velar [χ],

¹ Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Membro do Grupo de Pesquisa Semiofon - Semiose e Fonoestilística. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br

² O arquifonema representa todas as possibilidades de realizações de um mesmo fonema e cada possibilidade é denominada alofone.

³ Símbolos da Associação Internacional de Fonética.

glotal [h] ou tepe [r], que causa um efeito de neutralidade quase jornalística, ou seja, também um efeito de valor eufórico. Nosso referencial teórico-metodológico é a semiótica greimasiana, que nos dá suporte para estudar tanto fenômenos inscritos no âmbito do plano de conteúdo, como aqueles que se inscrevem no âmbito do plano da expressão.

“Mais Você” e Programas Femininos

De acordo com Temer (2005), os programas femininos são versões das revistas femininas, um gênero bem antigo, cujo início remonta ao ano de 1693, na Inglaterra⁴. Foi, no entanto, a *Lady's Magazine* que, já no século XX, em 1928, consolida o termo *magazine*, “oferecendo entretenimento, esclarecimento e serviço” (Temer, 2005:02). Periódicos voltados ao público feminino têm em comum o fato de apresentarem alguns componentes básicos tais como culinária, moda, decoração, comportamento, temas em relação à família, etc. No Brasil, o primeiro periódico feminino foi lançado em 1827, o *Espelho Diamantino*. Mas é somente em 1914 que a *Revista Feminina* dá novo impulso ao segmento.

A televisão, no Brasil, desde sua gênese, já traz programas voltados ao público feminino, adaptações do formato feminino consagrado por este tipo de publicação. Os primeiros programas, *Revista Feminina* e *No Mundo Feminino*, coincidem com o início da televisão no Brasil, a década de 1950. Na década de 1980, a Rede Globo inaugura um novo formato para o público feminino: o *TV Mulher*, comandado pela jornalista Marília Gabriela, pela então sexóloga Marta Suplicy, pelo estilista Clodovil Hernandez, entre outros. Programas como o *TV Mulher*, de acordo com o site *TV Brasil ano 50*, foram reflexo das transformações sociais pós-década de 1970 e não se limitaram apenas a questões domésticas, mas a discussões como os direitos da mulher, o posicionamento feminino na sociedade, a mulher como profissional etc.

⁴ De acordo com Temer (2005), *Lady's Mercury* foi a primeira revista voltada ao público feminino na Inglaterra (1693).

Na década de 1990, Ana Maria Braga chama atenção à frente do programa da Rede Record *Note e Anote* e recebe inclusive a premiação no *Guinness Book*, como a apresentadora que mais horas esteve no ar. Em 1999, Ana Maria Braga assina com a Rede Globo e dá início ao *Mais Você*, até hoje no ar. A apresentadora levou para a Globo os moldes de seu programa popular(esco), que se poderia chamar de uma versão atualizada do programa de Ofélia Anunciato, que apresentou por mais de 30 anos o *Cozinha Maravilhosa de Ofélia*, pela TV Bandeirantes. Temer (2005) corrobora essa idéia afirmando que: “No conjunto do programa, a culinária ainda predomina” (p. 10). Sua ambientação em muito se assemelha a uma casa, com uma cadela *poodle* chamada Belinha e um papagaio (este, um fantoche interpretado pelo ator Tom Veiga). Desse lugar que cria um efeito de domesticidade, a apresentadora faz entrevistas e chama reportagens, algumas realizadas por ela própria.

O estilo do *Mais Você* talvez se aproxime mais ao do programa de Ofélia Anunciato, que do *TV Mulher*, que possuía algum traço de filiação feminista. Apesar disso, de acordo com Scofield (2007), o *Mais Você* não enfatiza um modelo único de mulher, baseado num padrão patriarcal do século XVIII:

Bem ou mal, de maneira profunda ou superficial, o programa abre um espaço historicamente negado às mulheres (...) Ao contrário de reiterar um saber masculino, racional e científico, o *Mais Você* busca se fundamentar em narrativas conversacionais, centrando-se muitas vezes no emocional e no particular, fazendo com que as vozes das convidadas sejam ouvidas pelas telespectadoras (Scofield, 2007:122-123).

Existe, por assim dizer, uma brecha pela qual as telespectadoras do *Mais Você* têm alguma voz e há também pluralidade, em alguma medida, nas representações dessas mulheres.

Após essa incursão aos programas femininos e, mais especificamente, ao *Mais Você*, trataremos de um tema mais denso, sob o ponto de vista teórico: o plano da expressão e o nível fundamental. O primeiro se refere a uma parte da função semiótica, da qual se origina o signo lingüístico; o segundo trata de um

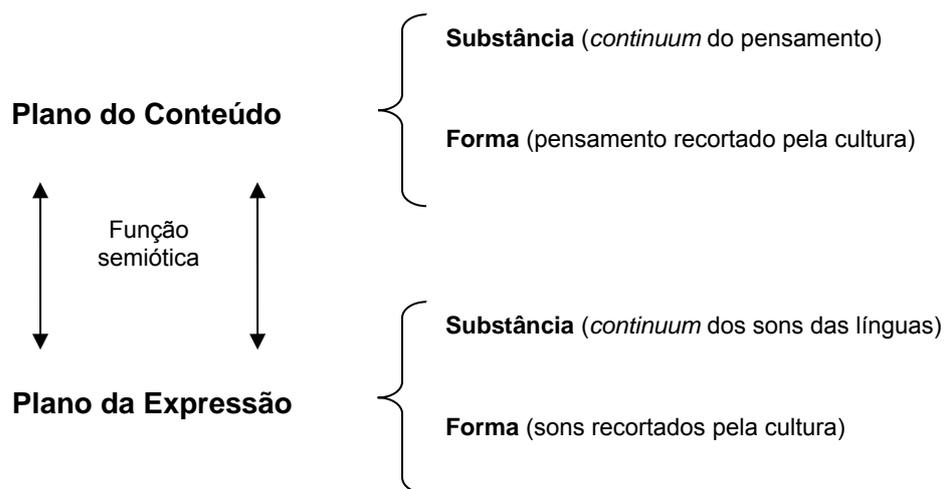
nível do percurso gerativo de sentido, descrito pela teoria semiótica francesa. Tanto um como o outro são fundamentais para entender a proposta deste artigo, que é perceber os efeitos de sentido do /R/ retroflexo utilizado por essa apresentadora de um programa feminino de caráter popular. Entendemos que este fato lingüístico encontra-se imbricado a outros vários, de natureza sociológica, antropológica, ideológica e midiática – em suma, culturais; por isso, nossa preocupação de abarcar também aquilo que circunda, tangencia o fato lingüístico em si.

Plano da expressão

Louis Hjelmslev parte da idéia saussuriana de que todo signo lingüístico é a relação entre um significante e um significado. Na língua falada, o primeiro é a imagem acústica – de ordem fonológica e, o segundo, um conceito, de ordem semântica. A relação, portanto, não é de palavras e coisas, mas entre grandezas lingüísticas. Hjelmslev, *grosso modo*, denomina significado de plano do conteúdo (conceito) e significante de plano da expressão (imagem acústica, no caso da língua falada). Não se trata de uma simples substituição de nomenclatura em relação ao que Saussure chamou de significante-significado, mas de uma mudança de concepção.

Para Hjelmslev, tanto o plano do conteúdo quanto o plano da expressão subdividem-se em forma e substância. A substância refere-se ao *continuum*, tanto o do plano do conteúdo, que é o *continuum* do pensamento, quanto da expressão, *continuum* de sons da língua. A forma, por sua vez, tem a ver com o modo como cada cultura recorta seu pensamento em palavras (conteúdo), e em fonemas (expressão). Segundo Hjelmslev, o que une a expressão ao conteúdo é a função semiótica. Essa função é solidária e pressupõe necessariamente um ao outro: “Uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (Hjelmslev, 1975:54).

De modo esquemático, temos:



Em outras palavras, para Floch:

O plano da expressão é aquele em que as qualidades sensíveis, que uma linguagem usa para se manifestar, são selecionadas e articuladas entre si por desvios diferenciais. *O plano do conteúdo* é aquele em que a significação nasce dos desvios diferenciais com os quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia idéias e narrativas (Floch, 1985:01).

A substância, tanto do plano de expressão, quanto do plano de conteúdo, constitui-se um elemento dessemantizado que só passa a ter sentido, uma vez recortada por cada cultura, tornando-se, assim, forma. Portanto, todos os sons passíveis de serem produzidos pelo trato vocal humano só passam a ter sentido após a identificação com elementos que nada mais são que recortes culturais do *continuum* sonoro e colocados em seqüência; seqüência essa pertinente à língua em questão. Dessa maneira, de acordo com Hjelmslev (1975), o sentido assume diferentes cadeias lingüísticas em cada língua. A sentença *Eu não sei*, em português, veicula o mesmo sentido que a sentença *Jeg véd det ikke*, em dinamarquês, ou *I do not know*, em inglês. Para esse lingüista, cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras de maneira distinta no *continuum* do pensamento.

Nesse sentido, pode-se dizer que a forma do conteúdo é arbitrária e apenas explicável pela função semiótica que une o conteúdo à expressão. Assim,

podemos falar de um sentido de expressão. No caso de alguém que fala uma língua estrangeira com sotaque, Hjelmslev afirma que se “trata de formar um sentido de expressão conforme as condições funcionais sugeridas pela língua materna do elocutor” (Hjelmslev, 1975:61).

Para esse lingüista, embora seja algo contrário ao habitual, já que se convencionou a se falar apenas do sentido do conteúdo, deve-se considerar também que a expressão carrega consigo um sentido. Pensar o sotaque, nessa perspectiva, é assumir que ele produz sentido. Para Medeiros, “se o sotaque produz sentidos, ele é, em si, informação – revela elementos componentes do ambiente local” (Medeiros, 1999:188). Assim, este artigo busca perceber os sentidos construídos pelo plano de expressão, ou seja, por meio da adoção de um ou outro alofone do arquifonema /R/, pela apresentadora Ana Maria Braga.

Passemos agora ao nível fundamental para perceber de que maneira tais sentidos são construídos no âmbito do plano da expressão. Fez-se importante entender de que se trata o plano de expressão, uma vez que, no nível fundamental, ele também remeterá a um plano de conteúdo. Ou seja, o uso de um /R/ retroflexo implicaria um conteúdo (categoria semântica de base), podendo ter valor eufórico ou disfórico, conforme cada situação.

Nível fundamental

De acordo com Bertrand, “O objeto da semiótica é o sentido” (2003:11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é “o parecer do sentido” (BERTRAND, 2003:11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc.) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens. A semiótica francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas (1917-1992), lingüista lituano radicado na França, tem filiação

saussuriana e hjelmsleviana, por isso, é ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais e na concepção de que a língua é uma instituição social.

Para a semiótica, um texto pode ser fatiado em camadas, pelas quais se dá o percurso gerativo de sentido, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Temos, assim, nesta ordem, o nível fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo.

No nível fundamental, a significação se apresenta por uma oposição semântica, por meio de estruturas fundamentais que se opõem. Para Barros (2003), os termos dessa oposição são determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos, que podem ter um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Tais termos são negados e afirmados por meio de operações de sintaxe elementar e podem ser representados por meio de um modelo lógico de relações, chamado quadrado semiótico.

Assim, podemos ter categorias semânticas fundamentais em oposição tais como vida *versus* morte, liberdade *versus* dominação etc. Salienta-se que a disforia ou euforia de uma categoria semântica não se dá de antemão, mas se constrói no e pelo texto. Assim, *morte* não é necessariamente uma categoria disfórica, nem *vida*, uma categoria eufórica *a priori*. Um suicida, para quem viver é insuportável, tem a morte como categoria semântica eufórica, por exemplo. Isso, porque, de acordo com Tatit (2006),

(...) o ser vivo não se relaciona com (...) categorias semânticas sem nelas imprimir sua marca sensível. (...) de acordo com o contexto de exame, todo microuniverso semântico contém um índice *axiológico* (...), portador de valores considerados atraentes ou repulsivos (TATIT, 2006:199).

No quadrado semiótico, um estado A não se converte em um estado B, sem antes passar pela negação do próprio estado A. Euforia e disforia são, de acordo com esse autor (2006), articulações da categoria *foria*, que significa “força que leva adiante”. A categoria eufórica encontra-se em estado de

relaxamento, ao passo que a disfórica em estado de tensão. Do mesmo modo, a categoria não-disfórica encontra-se num estado de distensão, enquanto a não-eufórica, em estado de retensão. Dessa forma, atribui-se um caráter tensivo, dinâmico, ao quadrado semiótico, que vai além das relações de asserção e de negação.

Situações de realização do /R/ em “Mais Você”

Percebe-se, durante o programa *Mais Você*, dois momentos distintos em relação ao uso dos alofones do /R/ pela apresentadora Ana Maria Braga, que pode ser tanto retroflexo, como glotal, velar e, em alguns casos mais raros, tepe. De acordo com Silva (2001), com relação à posição de travamento silábico, a consoante retroflexa alveolar vozeada (R retroflexo) é a pronúncia típica da variedade caipira. Ao passo que, as fricativas velar e glotal (vozeadas ou não) são aquelas relativas à pronúncia do /R/ dos dialetos carioca e belo-horizontino, respectivamente. O tepe alveolar vozeado, por sua vez, remete a algumas variedades, tais como a paulistana.

Percebe-se que os alofones do /R/ glotal, velar e tepe pertencem a variedades ligadas ao espaço urbano, enquanto, o retroflexo, em relação ao rural. Sabe-se que a pronúncia da mídia brasileira privilegia um modo de falar que mescla algumas variantes da região Sudeste (excetuando o falar caipira), em detrimento de outros falares, como o nortista, nordestino ou sulista. Medeiros corrobora essa idéia dizendo: “Há uma tendência generalizada entre os repórteres de emissoras distantes do eixo Rio-São Paulo de modificarem a forma de falar cotidiana, no momento em que pegam o microfone e se posicionam diante de uma câmera de TV” (MEDEIROS, 2006:13). Assim, as variantes do Sudeste teriam um caráter “neutro”, enquanto as outras, um caráter marcado. Evidentemente, não se acredita que este ou aquele seja

neutro. Pensa-se que a adoção de um falar esteja mais ligada a questões ideológicas que lingüísticas⁵.

Antes de passarmos para a esquematização das situações de produção dos alofones do /R/ no programa *Mais Você*, faremos uma pequena incursão pelo termo *caipira*, sem a qual não se dará um entendimento mais amplo sobre o tema.

Algumas considerações sobre o caipira

Antonio Candido (2001), em sua obra clássica da sociologia brasileira sobre o caipira paulista, afirma que o termo *rural* “exprime, sobretudo localização” (CANDIDO: 2001,26), enquanto o termo *rústico* exprime um tipo cultural e social “o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português no Novo Mundo” (Candido:2001,26). Para este autor, no caso brasileiro, o termo *rústico* se traduz por *caboclo*. No entanto para evitar confusões com “mestiço próximo ou remoto de branco e índio, que em São Paulo forma a maioria da população tradicional”, o autor prefere o termo *caipira*. *Caipira* (“cortador de mato”, na língua tupi), mais que indicar uma localização que se refere ao campo, alude principalmente a aspectos culturais da vida desses indivíduos.

Historicamente, a cultura e o modo de vida caipiras resultaram da expansão geográfica dos paulistas nos séculos XVI, XVII e XVIII a partir da ação das bandeiras e entradas. Denominou-se Paulistânia, portanto, o território ocupado por esses indivíduos procedentes de uma variedade subcultural do tronco português chamada caipira. Essa forma de povoamento caracterizou-se pela dispersão, que favoreceu uma cultura de subsistência. No entanto, essa cultura era sustentada por uma relação estreita com os bairros rurais, a partir dos quais se realizavam as ajudas mútuas, como o escambo ou o mutirão. A

⁵ Veja-se MENDES, Conrado Moreira. *O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica*. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

cultura caipira, portanto, está ligada “a formas de sociabilidade e de subsistência que se apóiam em soluções mínimas, apenas para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros” (CANDIDO: 2001,103).

Em suma, as principais características da cultura caipira, para Antonio Candido, são: (1) o isolamento; (2) a posse de terras; (3) trabalho doméstico; (4) auxílio vicinal; (5) disponibilidade de terras; (6) margem de lazer. A vida do caipira está, então, intimamente relacionada ao espaço rural, onde se realizam relações de subsistência e de sociabilidade, a partir de “soluções mínimas”, apresentadas pelo autor. Um fator importante da sociabilidade vicinal é a vida lúdico-religiosa, atividades que transcendem o âmbito familiar e que se realizam nos bairros e vilas rurais. Não se deve perder de vista a importância da religião Católica, as superstições e o folclore para a constituição da cultura caipira.

O caipira, uma vez conseguindo estabelecer formas de equilíbrio social e ecológico, apegou-se a tais formas como expressão de sua identidade. Para Candido, o *atraso* chamou a atenção de estudiosos estrangeiros, como Saint-Hilaire, e acabou por caracterizar – erroneamente – o modo de vida caipira. Essa idéia, portanto, mesmo que se tenha construído a partir de um ponto de vista etnocêntrico, persiste ainda nos séculos XX e XXI, haja vista a representação caricatural do caipira na obra literária de Monteiro Lobato pelo personagem Jeca Tatu. Destacam-se ainda o personagem de revistas em quadrinhos Chico Bento, criado por Maurício de Sousa, e a filmografia de Amácio Mazzaropi, que criou o Jeca nos anos de 1950.

Situação 1

Por uma questão analítica, dividimos, então, em duas situações ou momentos de realização do /R/ pela apresentadora Ana Maria Braga. E, ancorados na teoria semiótica francesa, propomos uma disposição deles no quadrado semiótico. Neste, opomos caipirice à urbanidade. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o primeiro termo designa “qualidade ou

condição do que é caipira”, ao passo que, o segundo, “qualidade ou condição do ser urbano”. Preferimos opor a “qualidade do que é caipira” à “qualidade do que é urbano”, evitando a dicotomia natureza *versus* cultura, por entendermos *cultura* como “(...) uma rede de práticas e de representações implantadas (textos, imagens, conversas, códigos de comportamento e as estruturas narrativas que os organizam) que influencia cada aspecto da vida social” (FROW & MORRIS, 2006:316). Ou seja, como vimos neste artigo, a cultura está também presente no ambiente rural, já que este se caracteriza igualmente como um local de sociabilidade, diferenças e encontros⁶.

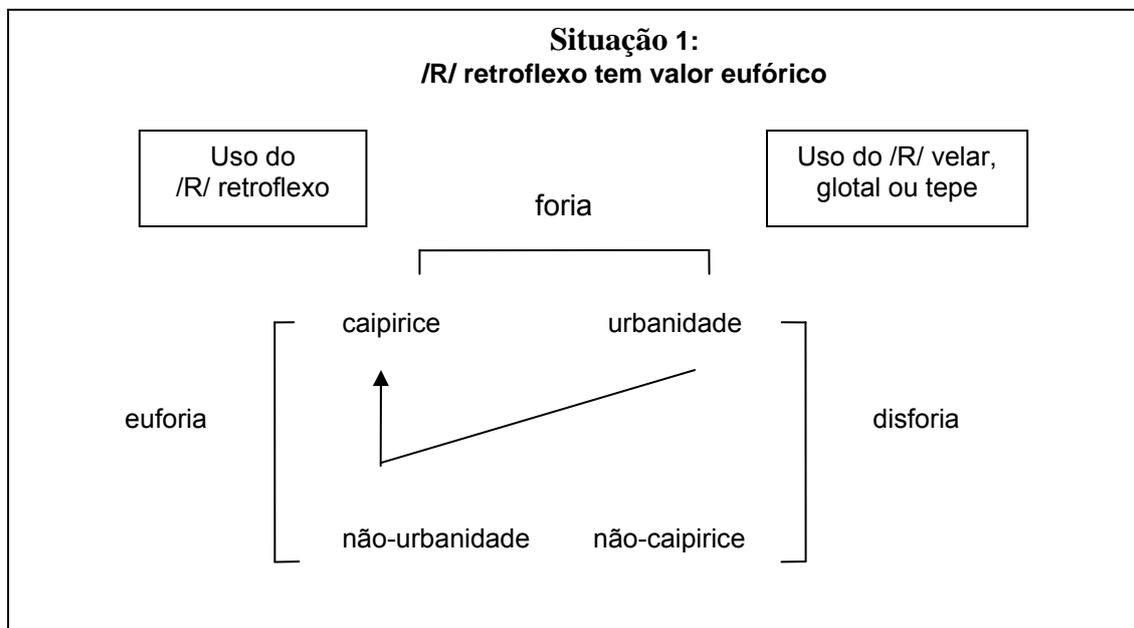
Nesta situação de realização, o /R/ retroflexo tem valor eufórico, já que a apresentadora se desveste de uma suposta neutralidade, por meio da adoção desse alofone, que faz parte de seu acento de origem (dialeto caipira, pois a apresentadora é nascida no interior paulista) para se apresentar como a pessoa Ana Maria Braga, e não a apresentadora. Isso tende a criar um efeito de aproximação com o público majoritariamente composto por mulheres donas de casa⁷. Essa aproximação ocorre por se tratar de quase uma conversa entre comadres ou vizinhas do interior ou um conto de “causos”, típico da cultura caipira. Poder-se-ia ir além e pensar que esse efeito de aproximação remonta às formas de sociabilidade e subsistência caipiras, nas quais o auxílio vicinal é imprescindível.

O /R/ glotal, velar ou tepe, nessa situação, teria um valor disfórico, pois criaria um efeito de distanciamento, de não efetivação de laços de sociabilidade, entre a apresentadora e o público.

⁶ Para S. Hall, a cultura não é o lugar da boa ou da má, da alta ou da baixa cultura, mas o local do enfrentamento e de lutas sociais. Veja-se HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

⁷ De acordo com a Rede Globo de Televisão, o *Mais Você* tem audiência de cinco milhões de telespectadores em todo o Brasil, o equivalente a 35% da audiência nacional voltada para esse formato televisivo. Desses cinco milhões de telespectadores, mulheres representam 51% da audiência; crianças e jovens de ambos os sexos, com idades que variam de 4 a 17 anos, equivalem a 20% e os homens correspondem a 29% da audiência. 80% das pessoas possuem idade superior a 18 anos, sendo que 71% dos telespectadores estão concentrados nas classes C, D e E. (Dados retirados no site da Rede Globo de Televisão: <http://comercial.redeglobo.com.br> acesso em 18/07/07)

Assim, apresenta-se o quadrado semiótico, no qual o /R/ retroflexo tem valor eufórico:



Situação 2

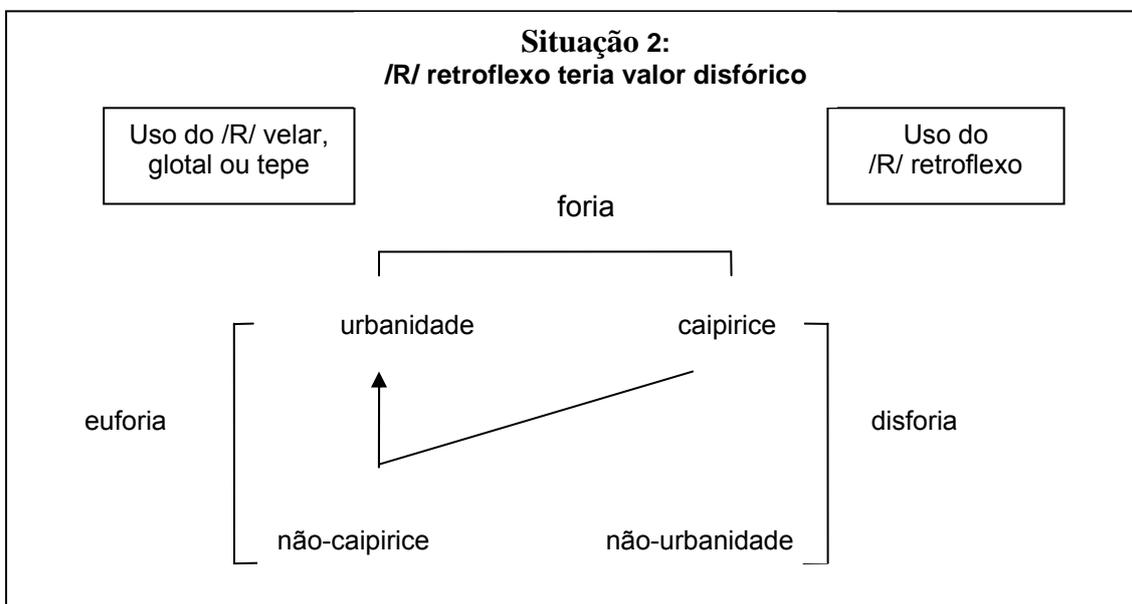
No quadrado semiótico a seguir, também opomos caipirice à urbanidade. No entanto, como os valores são axiologizados de maneira contrária, temos um deslocamento também oposto nesta representação. Neste segundo momento, o /R/ glotal, velar ou tepe (urbanos) tem valor eufórico, já que cria um efeito de neutralidade, o que supostamente seria o esperado de uma apresentadora (o uso de um acento “neutro”⁸). Esse valor de neutralidade é eufórico uma vez que o programa, segundo Temer (2005), apresenta traços marcantes do gênero jornalístico.

Dessa maneira, o uso do /R/ retroflexo, nessa segunda situação, criaria um efeito disfórico, já que, remeteria a uma ruralidade indesejável, ou seja, criaria um efeito jeca no programa. Pela decoração, pelas vestimentas da

⁸ Não se trata de um acento neutro, mas de um acento naturalizado por meio de coerção ideológica. Em outras palavras, trata-se do falar de uma região de maior prestígio econômico, político etc. que se apresenta como o falar sem sotaque ou não-marcado.

apresentadora, por outras semioses, até mesmo por receitas de cozinha apresentadas, o programa *Mais Você* enquadrar-se-ia muito mais num universo urbano que num universo rural. Diferentemente, por exemplo, do programa *Viola, minha viola*, comandado por Inezita Barroso, no qual a ruralidade teria um valor eufórico, levando em conta que estes dois programas não se circunscrevem a um mesmo gênero televisivo.

Assim, apresenta-se o segundo quadrado semiótico, no qual o /R/ retroflexo tem valor disfórico:



Conclusão

Como se viu nos quadrados semióticos apresentados, opuseram-se os termos *caipirice* e *urbanidade*, evitando a oposição *natureza versus cultura*, por razões já explicitadas. *Caipira* se refere a um modo de vida rural localizado numa região determinada do Brasil, que possui um falar característico que é, por sua vez, objeto de inúmeros estudos no âmbito da sociolingüística. Na contemporaneidade, o termo *caipirice* talvez não se oponha apenas de forma assertiva ou negativa em relação à *urbanidade*. Muito da chamada cultura

caipira se encontra imbricada ao modo de vida das cidades e vice-versa. Assim, como afirma Tatit (2006), ao quadrado semiótico também é atribuído um caráter tensivo e dinâmico, podendo-se, por meio deste, perceber as nuances e transformações entre esses estados.

Por fim, a partir dessas duas situações, percebe-se que o efeito de sentido causado pelo uso do /R/ retroflexo não é de per si eufórico ou disfórico, assim como o uso do /R/ velar, glotal ou tepe. A euforia e disforia são produzidas, como apontou Tatit (2006) num “microuniverso semântico” e, a partir desse lugar, tais valores se atualizam. Tanto o /R/ retroflexo (caipira), como o /R/ velar, glotal ou tepe (urbanos) não remetem a valores positivos ou negativos *a priori*. As categorias semânticas de base só adquirem um valor eufórico ou disfórico no e pelo discurso. Procurou-se, pois, com este artigo, analisar uma característica pontual do plano da expressão para perceber que o sentido se constrói de inúmeras maneiras.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do Discurso*. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações do seu meio de vida*. 10ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2001.

FLOCH, Jean-Marie. *Pequenas Mitologias do olho e do espírito: por uma semiótica plástica*. Tradução Mariza B. T. Mendes (2006). Paris-Amsterdam, Hadès-Benjamin, 1985.

FROW, John, MORRIS, Meaghan. *Estudos Culturais*. IN DENZIN, Norman K. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*/ DENZIN, Norman K., LINCOLN, Yvonna S; tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEDEIROS, Ana Lúcia. *Outros falares, outros olhares: os “sotaques” no telejornalismo e na novela*. Dissertação de Mestrado. UnB, 1999.

_____. *Sotaques na TV*. São Paulo: Anablumme, 2006.

TATIT, Luiz. *A abordagem do texto*. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. *Mais Você: uma análise da Revista Feminina na Televisão*. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

TV Brasil ano 50. Disponível em:

<<http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec80.htm>> Acesso em 18 jul 2007.

SCOFIELD, Thereza Helena Prates. *Possibilidades do feminino: as telespectadoras de Ponta Porã e as mulheres do Mais Você*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais: 2007.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercício*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.